

F. A. HAYEK

— EDITADO POR PETER G. KLEIN —

O RENASCIMENTO DO LIBERALISMO

*Princípios da Escola
Austriaca e os ideais da
liberdade econômica*



O RENASCIMENTO DO LIBERALISMO

F. A. HAYEK

**O RENASCIMENTO DO
LIBERALISMO**

*Princípios da Escola Austríaca e os ideais
da liberdade econômica*

— EDITADO POR PETER G. KLEIN —

Tradução
CARLOS SZLAK



COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021
COPYRIGHT © 1992 F.A HAYEK
FIRST PUBLISHED 1992 BY ROUTLEDGE
COPYRIGHT © TAYLOR & FRANCIS GROUP

Todos os direitos reservados.

Avis Rara é um selo da Faro Editorial.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Preparação **TUCA FARIA**
Revisão **BÁRBARA PARENTE E DANIEL RODRIGUES AURÉLIO**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa **JORM S | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Hayek, Friedrich A. von (Friedrich August), 1899-1992
O renascimento do liberalismo : Princípios da Escola
Austriaca e os ideais da liberdade econômica /
F. A. Hayek ; editado por Peter G. Klein ; tradução de
Carlos Szlak. — São Paulo : Faro Editorial, 2021.
272 p.

ISBN 978-65-86041-46-0
Título original: Fortunes of liberalism

1. Economia 2. Liberalismo 3. Política e governo I. Título
II. Klein, Peter G. III. Szlak, Carlos

20-3728 CDD 320.51

Índice para catálogo sistemático:
1. Economia : Liberalismo



1ª edição brasileira: 2021
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

SUMÁRIO

9	Introdução
25	PARTE I – A ESCOLA AUSTRÍACA DE ECONOMIA
27	Prólogo: A economia da década de 1920 como vista de Viena
49	1 A Escola Austríaca de Economia
65	2 Carl Menger (1840-1921)
105	3 Friedrich von Wieser (1851-1926)
123	4 Ludwig von Mises (1881-1973)
154	5 Joseph Schumpeter (1883-1950)
159	6 Ewald Schams (1899-1955) e Richard von Strigl (1891-1942)
166	7 Ernst Mach (1838-1916) e as Ciências Sociais em Viena
171	Conclusão: Recordando meu primo Ludwig Wittgenstein (1889-1951)
177	PARTE II – O RENASCIMENTO DO LIBERALISMO
179	Prólogo: A redescoberta da liberdade: lembranças pessoais
197	8 Os historiadores e o futuro da Europa
213	9 O renascimento actoniano: sobre lorde Acton (1834-1902)
216	10 Existe uma nação alemã?

220	11	Um plano para o futuro da Alemanha
236	12	Discurso de abertura de uma conferência em Mont Pèlerin
250	13	A tragédia da humanidade organizada: Jovenel sobre o poder
254	14	Bruno Leoni (1913–1967) e Leonard Read (1898-1983)
265		Lista cronológica

O RENASCIMENTO DO LIBERALISMO

INTRODUÇÃO

“O capitalismo pode sobreviver?”, perguntou Joseph Schumpeter em 1942. “Não, acho que não pode.”¹ Mas o capitalismo sobreviveu: vemos o socialismo enfrentando a autodestruição, com o ideal do planejamento central ruindo junto com as economias fracassadas da Europa Central e do Leste Europeu. Se há alguma lição a ser aprendida dos acontecimentos de 1989 é esta: o renascimento do liberalismo nessa parte do mundo é, em grande medida, se não completamente, um renascimento do capitalismo — um reconhecimento de que só a ordem de mercado pode propiciar o nível de bem-estar requerido pela civilização moderna. Embora ainda não plenamente compreendido, isso agora é amplamente reconhecido. Robert Heilbroner, certamente alguém não amigo do capitalismo, escreve que a história recente “nos obrigou a repensar o significado do socialismo. Como visão semirreligiosa de uma humanidade transformada, ele sofreu golpes devastadores no século XX. Como modelo de uma sociedade racionalmente planejada, está em frangalhos”.²

Para F. A. Hayek, isso é apenas uma pequena surpresa. Como economista “austríaco”, Hayek sempre teve um entendimento em relação ao mercado algo diferente dos seus contemporâneos, não só daqueles que se opunham ao capitalismo, mas também de muitos que o defendiam. Ao longo da maior parte do século 20, “o problema econômico” foi visto como o da *alocação de recursos*, o problema de encontrar uma distribuição de recursos produtivos para suprir um conjunto de demandas conflitantes e

potencialmente ilimitadas — para o qual uma solução pode, em princípio, ser calculada por um observador externo (e, por implicação, um planejador central). Em contraste, para Hayek e os austríacos, a economia consiste em *coordenação de planos*; os meios pelos quais uma “ordem muito complexa” de cooperação humana emerge dos planos e das decisões de indivíduos isolados, atuando em um mundo de conhecimento tácito e disperso. Explicar a regularidade de fenômenos como preços, produção, dinheiro, juros e flutuações comerciais, e até mesmo lei e linguagem, quando esses fenômenos fazem parte da intenção deliberada de ninguém é a tarefa da ciência econômica. Só visualizando a ordem social dessa perspectiva podemos esperar saber por que o mercado *funciona* e por que os esforços de construir sociedades sem mercados estão fadados ao fracasso.

Hayek pertence à quarta geração da escola austríaca de economistas, a geração da diáspora, que saiu de Viena para lugares como Londres, Chicago, Princeton e Cambridge (em Massachusetts), de modo que o adjetivo “austríaco” é agora de significado meramente histórico. Porém, ao longo de suas migrações para a Inglaterra e para os Estados Unidos, Hayek manteve boa parte da perspectiva da escola fundada por Carl Menger. Desde o seu início, a escola austríaca ficou conhecida por seu entendimento distinto e original da ordem econômica, algumas partes do qual foram incorporadas (até certo ponto) às correntes predominantes do pensamento econômico, ao passo que outras foram deixadas de lado e esquecidas. Entre as primeiras, podemos incluir a outrora revolucionária teoria do valor e troca apresentada em *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*, de Menger, cuja publicação, em 1871, marcou o início da escola; entre as segundas, destaca-se o ataque à viabilidade do cálculo econômico sob o socialismo, desenvolvido por Ludwig von Mises, colega mais velho e mentor de Hayek, na década de 1920, uma teoria que formou a base para o entendimento austríaco moderno do mercado como um *processo* de aprendizado e descoberta, em vez de um estado de coisas em equilíbrio. A economia neoclássica convencional, acreditando que Mises fora refutado tempos atrás pelos modelos de Lange e Taylor de “socialismo de mercado”, não teve praticamente nada a dizer sobre a viabilidade do planejamento central. Mas não os austríacos. A concepção de Hayek do que *é* o mercado, e de como o processo de mercado funciona, levou-o à conclusão de que o socialismo é um erro

grave; se preferir, uma “arrogância fatal”. E é sobre esse entendimento que Hayek constrói sua defesa da ordem liberal.

Esse é o espírito em que se oferece o presente volume. Nestes ensaios, Hayek aborda a Escola Austríaca, ponto de partida da sua própria odisseia intelectual, e o destino do liberalismo, a filosofia social da ordem de mercado à qual sua obra está tão intimamente associada. A Parte I contém ensaios e palestras sobre as principais figuras da Escola Austríaca: Carl Menger, Friedrich von Wieser (professor de Hayek), Ludwig von Mises e Joseph Schumpeter (austríaco por formação e uma das personalidades dominantes do pensamento econômico do século XX, mas não um membro da Escola Austríaca *per se*); os economistas menos conhecidos Ewald Schams e Richard von Strigl; e duas figuras afins na cena intelectual vienense, os filósofos Ernst Mach e Ludwig Wittgenstein, primo de segundo grau de Hayek. A Parte II reúne textos sobre a redescoberta da liberdade na Europa após a Segunda Guerra Mundial, com referência especial à Alemanha e à Sociedade Mont Pèlerin, influente organização internacional de liberais fundada por Hayek, em 1947. As duas partes abordam um tema que permeia toda a obra de Hayek sobre a ordem social: o papel das ideias — a teoria econômica, em particular — na preservação da sociedade liberal.

O restante desta Introdução esboçará a carreira de Hayek e procurará situar parte do seu pensamento em perspectiva histórica e teórica. Porém, antes de continuarmos, seria adequada uma observação terminológica. Hayek utiliza a palavra “liberalismo” no seu sentido clássico europeu, como a ordem social baseada em livre mercado, governo limitado sob o primado da lei e a primazia da liberdade individual. Como ele explica no prefácio da primeira edição em brochura (1956) do seu clássico *The Road to Serfdom* [*O caminho da servidão*]:

Utilizo o tempo todo o termo “liberal” no sentido original do século XIX e que ainda é vigente da Grã-Bretanha. No uso norte-americano corrente, costuma significar quase o oposto. Como camuflagem, os movimentos de esquerda deste país, ajudados pela confusão mental de muitos que realmente acreditam na liberdade, fizeram com que o termo “liberal” passasse a significar a defesa de quase todo tipo de controle governamental. Continuo

intrigado em relação ao motivo pelo qual aqueles nos Estados Unidos que acreditam verdadeiramente na liberdade não só permitiram que a esquerda se apropriasse desse termo quase indispensável, mas também até colaboraram com isso, começando a utilizá-lo como expressão de opróbrio.³

Vamos respeitar aqui essas restrições e continuar a privilegiar o termo “liberal” em detrimento do termo menos elegante “liberal clássico” ou “libertário”, que agora está se tornando o linguajar padrão nos Estados Unidos.

Hayek chegou à Universidade de Viena aos dezenove anos, pouco depois da Primeira Guerra Mundial, quando ali era um dos três melhores lugares do mundo para o estudo de Economia (os outros eram Estocolmo e Cambridge, na Inglaterra). Embora estivesse matriculado como estudante de direito, seus interesses principais eram Economia e Psicologia, esta devido à influência da teoria da percepção de Mach sobre Wieser e Othmar Spann, colega de Wieser, e aquela decorrente do ideal reformista do socialismo fabiano, tão típico da geração de Hayek. Como muitos estudantes de Economia desde então, Hayek escolheu essa matéria não por suas vantagens intrínsecas, mas porque ele queria tornar o mundo um lugar melhor — a pobreza da Viena do pós-guerra servindo como um lembrete diário de tal necessidade. O socialismo parecia propiciar uma solução; então, em 1922, Mises, que não estava no corpo docente pago de Viena, mas era figura central na comunidade de economia ali, publicou *Die Gemeinwirtschaft*, mais tarde traduzido para o inglês como *Socialism*. “Para nenhum de nós, jovens, que leu o livro quando foi publicado”, Hayek recorda, “o mundo voltou a ser o mesmo.” *Socialism*, elaboração do artigo precursor de dois anos antes, sustentou que o cálculo econômico *requer* um mercado para os meios de produção; sem tal mercado não há como estabelecer os valores desses meios e, portanto, não há como determinar seus usos apropriados na produção. A partir de Mises, que foi por pouco tempo superior de Hayek em um cargo público temporário e em cujo seminário privado ele se tornou participante habitual, Hayek se convenceu gradualmente da superioridade da ordem de mercado.

Mises realizara um trabalho anterior sobre teoria monetária e bancária, aplicando com sucesso o princípio da utilidade marginal austríaca ao valor do dinheiro e, em seguida, esboçando uma teoria da flutuação industrial com base nos princípios da escola monetarista inglesa e nas ideias de Knut Wicksell, economista sueco. Hayek utilizou estas últimas como ponto de partida para sua própria investigação sobre flutuações, explicando o ciclo econômico em termos de expansão do crédito pelos bancos. Seu trabalho nessa área lhe valeu um convite para lecionar na London School of Economics and Political Science (LSE) e, depois, ocupar sua cátedra Tooke de Economia e Estatística, que ele aceitou em 1931. Ali, ele se viu no meio de um grupo vibrante e estimulante: Lionel (posteriormente, lorde) Robbins, Arnold Plant, T. E. Gregory, Dennis Robertson, John Hicks e o jovem Abba Lerner, para citar apenas alguns. Hayek trouxe suas ideias estranhas (para eles),⁴ e, aos poucos, a teoria “austríaca” do ciclo econômico se tornou conhecida e aceita.

No entanto, em poucos anos, a Escola Austríaca sofreria uma reviravolta drástica da sorte. Primeiro, a teoria austríaca do capital, parte integrante da teoria do ciclo econômico, ficou sob o ataque de Piero Sraffa, economista de Cambridge nascido na Itália, e do norte-americano Frank Knight, enquanto a teoria do ciclo econômico foi esquecida em meio ao entusiasmo pelo *General Theory* [*Teoria geral*], de John Maynard Keynes. Segundo, começando com a mudança de Hayek para Londres e continuando até o início da década de 1940, os economistas austríacos partiram de Viena, por motivos pessoais e, depois, por motivos políticos, de modo que a escola deixou de existir ali como tal. Em 1943, Mises saiu de Viena e foi para Genebra e, em seguida, para Nova York, onde continuou a trabalhar em isolamento; Hayek permaneceu na LSE até 1950, quando ingressou no Comitê de Pensamento Social da Universidade de Chicago. Outros austríacos da geração de Hayek se tornariam proeminentes nos Estados Unidos — Gottfried Haberler, em Harvard; Fritz Machlup e Oskar Morgenstern, em Princeton; Paul Rosenstein-Rodan, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts —, mas a obra deles já não pareceu mostrar quaisquer traços da tradição de Menger.

Em Chicago, Hayek se viu mais uma vez no meio de um grupo brilhante: o departamento de Economia, encabeçado por Knight, Jacob Viner,

Milton Friedman e George Stigler, era um dos melhores de todos; Aaron Director, da faculdade de Direito, logo criaria o primeiro curso de Direito e Economia; e intelectuais conhecidos internacionalmente, como Hannah Arendt e Bruno Bettelheim, eram palestrantes ativos. Contudo, a teoria econômica, em particular seu *estilo* de raciocínio, estava mudando rapidamente: *Foundations*, de Paul Samuelson, foi publicado em 1949, consagrando a Física como a ciência a ser imitada pela Economia, e o ensaio de Friedman de 1953 sobre “economia positiva” estabeleceu um novo padrão para o método econômico. Além disso, como Hayek havia parado de trabalhar com teoria econômica, concentrando-se em Psicologia, Filosofia e Política, a escola austríaca entrou em um eclipse prolongado. Nesse período, um trabalho importante relativo à tradição austríaca foi realizado por dois homens mais jovens, que tinham estudado com Mises na Universidade de Nova York: Murray Rothbard, que publicou seu *Man, Economy, and State* em 1962, e Israel Kirzner, cujo *Competition and Entrepreneurship* apareceu em 1973. No entanto, em geral, a tradição austríaca permaneceu dormente.

Então, em 1974, algo surpreendente aconteceu: Hayek ganhou o Prêmio Nobel de Economia. Devido ao prestígio desse prêmio, o interesse pela Escola Austríaca renasceu. Por coincidência, naquele mesmo ano, vários acadêmicos isolados que trabalhavam com a tradição austríaca se reuniram em uma conferência memorável em South Royalton, em Vermont.⁵ Desde então, o “renascimento da Escola Austríaca” continuou a se difundir, com livros, publicações e até cursos de pós-graduação especializados na tradição de Menger surgindo em ritmo crescente. E a Escola Austríaca de Economia está lentamente começando a ser notada pelo restante do grupo profissional. Entre algumas áreas em que as ideias austríacas modernas estão começando a exercer influência incluem-se a teoria bancária, a publicidade e sua relação com a estrutura do mercado, e a reinterpretação da discussão do cálculo econômico sob o socialismo;⁶ além disso, a literatura dos últimos anos sobre a economia da informação incompleta e a teoria dos incentivos pode ser considerada consequência do trabalho de Hayek a respeito do conhecimento disperso e dos preços como sinais, embora tal dívida seja muitas vezes esquecida.⁷

Os economistas contemporâneos também estão interessados em Hayek por outra razão. Atualmente, a análise das propriedades do mercado em

relação ao bem-estar social se enquadra como uma discussão de dois lados: os defensores do livre mercado são os economistas “neoclássicos”, cujas teorias dependem das hipóteses referentes a agentes humanos hiper-racionais, com “expectativas racionais” e equilíbrio de mercado instantâneo; os céticos, geralmente portando algum tipo de rótulo “keynesiano”, consideram as expectativas como mais problemáticas e os preços como lentos para se ajustar. Em contraste gritante, Hayek baseia a defesa do mercado não na racionalidade humana, mas na ignorância humana! “Toda a discussão a favor da liberdade, ou a maior parte dessa discussão, repousa sobre o fato de nossa ignorância e não no fato de nosso conhecimento.”⁸ Os agentes de Hayek são *seguidores de regras*, reagindo a sinais de preços dentro de um sistema selecionado por um processo de evolução: uma ordem espontânea, em vez de um sistema deliberadamente escolhido; todavia, suas ações trazem benefícios não intencionais para o sistema como um todo, benefícios que *podem não* ter sido racionalmente previstos. Isso é bastante estranho para o economista moderno, para quem a evolução e a espontaneidade desempenham pequeno ou nenhum papel.⁹

A obra de Hayek também é diferente da dos economistas neoclássicos em outro sentido: é uma teoria econômica integradora e mais abrangente em uma filosofia social ampla, englobando aspectos políticos, legais e morais da ordem social. Os neoclássicos, em vez disso, são estritamente teóricos, e não atraíram discípulos numa base ampla. Leonard Rapping, ele mesmo um dos primeiros economistas adeptos das “expectativas racionais”, nota que “muitos dos jovens e idealistas são atraídos pelos conceitos de liberdade e justiça, e não de eficiência e abundância. À parte de suas contribuições para a teoria econômica, Friedman e Hayek apresentaram defesas poderosas do capitalismo como um sistema que promove a democracia liberal e a liberdade individual. Isso atraiu para suas ideias muitos seguidores de fora da economia. Os neoclássicos não possuem tal agenda”.¹⁰ De fato, os estudiosos da Escola Austríaca costumam ter uma vasta gama de interesses, e o espírito interdisciplinar da tradição austríaca, sem dúvida, ajuda a explicar esse apelo.

Com certeza, o renascimento da Escola Austríaca tem uma dívida maior com Hayek do que com qualquer outra pessoa. Mas os textos de Hayek se inserem mesmo na “Escola Austríaca de Economia” — parte de uma tradição distinta e reconhecível — ou devemos considerá-los como uma contribuição original e profundamente pessoal?¹¹ Alguns analistas criticam os trabalhos mais tardios de Hayek, sobretudo depois que ele começa a se afastar da economia técnica, afirmando que mostram mais influência de sir Karl Popper, seu amigo, do que de Menger ou Mises. Um crítico fala de “Hayek I” e “Hayek II”, enquanto outro escreve sobre a “Transformação de Hayek”.¹²

Embora até certo ponto isso seja meramente uma questão de rótulos, há alguns aspectos substanciais envolvidos. Um deles é se é útil ou não distinguir entre escolas de pensamento dentro de uma disciplina. O próprio Hayek hesita a esse respeito. No primeiro capítulo deste volume, escrito em 1968 para a *International Encyclopaedia of the Social Sciences*, ele descreve sua própria geração da Escola Austríaca da seguinte maneira:

Mas se essa quarta geração em estilo de pensamento e em interesses ainda mostra claramente a tradição de Viena, mesmo assim não poderá por mais tempo ser vista como uma escola distinta no sentido de representar doutrinas específicas. Uma escola alcança seu maior sucesso quando deixa de existir como tal, porque suas principais ideias se tornaram parte do ensino geral dominante. Em grande medida, a escola de Viena chegou a desfrutar desse sucesso. (Este volume, p. 56.)¹³

Em meados da década de 1980, porém, Hayek pareceu ter mudado de ideia, ao escrever sobre uma Escola Austríaca com uma identidade distinta, que trabalhava principalmente em oposição à macroeconomia keynesiana, e que continua a existir atualmente.¹⁴ Os austríacos contemporâneos também estão divididos a esse respeito: alguns são extremamente conscientes da sua tradição austríaca e a ostentam como medalha de honra, enquanto outros evitam quaisquer rótulos, mantendo a máxima de que não há “escola austríaca”, mas apenas boa e má economia. Se essas são questões de crenças profundamente arraigadas ou estão simplesmente

relacionadas à persuasão do grupo profissional em geral para levar a sério as ideias da escola austríaca, é difícil de dizer.

Contudo, de interesse especial aqui é a natureza exata do relacionamento de Hayek com Mises. Sem dúvida, nenhum economista teve maior impacto no pensamento de Hayek do que Mises — nem mesmo Wieser, de quem Hayek aprendeu seu ofício, mas que morreu em 1927, quando Hayek era ainda jovem. No Capítulo 4 desta obra, as palavras de Hayek deixam isso bastante evidente. Além do mais, Mises claramente considerou Hayek o mais brilhante de sua geração: Margit von Mises recorda que, no seminário do seu marido em Nova York, “Ludwig conheceu todos os novos alunos com a esperança de que um deles pudesse se tornar um novo Hayek”.¹⁵ No entanto, como Hayek nos lembra, ele, desde o início, nunca foi um discípulo puro: “Embora deva [a Mises] um estímulo decisivo em um momento crucial do meu desenvolvimento intelectual, e também uma inspiração contínua ao longo de uma década, talvez tenha tirado mais proveito dos seus ensinamentos porque não fui seu aluno na universidade, como um jovem inocente que acreditava na sua palavra como o evangelho, mas sim cheguei a ele como um economista formado, graduado em um ramo paralelo da Escola Austríaca [o ramo de Wieser] do qual Mises, pouco a pouco, mas nunca completamente, conquistou-me.”¹⁶

Frequentemente, duas áreas de desacordo são discutidas entre Hayek e Mises: o debate do cálculo econômico sob o socialismo e a metodologia “apriorística” de Mises. A questão sobre o socialismo diz respeito a se uma economia socialista é “impossível”, como Mises afirmou em 1920, ou se é apenas menos eficiente ou de implantação mais difícil. Nesse momento, Hayek sustenta que a “tese central de Mises não era, como às vezes se expõe enganosamente, que o socialismo é impossível, mas sim que não consegue alcançar um aproveitamento eficiente dos recursos”. Essa interpretação é em si objeto de controvérsia. Nesse caso, Hayek está argumentando contra a visão padrão do cálculo econômico, existente, por exemplo, em *Capitalism, Socialism, and Democracy* [*Capitalismo, socialismo e democracia*], de Schumpeter, ou em “Socialist Economics”, de Abram Bergson.¹⁷ Essa visão defende que a afirmação original de Mises da impossibilidade do cálculo econômico sob o socialismo foi refutada por Oskar Lange, Abba Lerner e Fred Taylor, e que as modificações posteriores de

Hayek e Robbins equivalem a uma admissão de que uma economia socialista é possível *em teoria*, mas difícil na prática, porque o conhecimento é descentralizado e os incentivos são fracos. A resposta de Hayek no texto mencionado — de que a posição real de Mises foi bastante incompreendida — obtém apoio do principal historiador revisionista da discussão do cálculo, Don Lavoie, que afirma que os “argumentos centrais desenvolvidos por Hayek e Robbins não constituem um recuo em relação à posição de Mises, mas sim um esclarecimento, que redireciona o desafio para as versões posteriores do planejamento central. ... Embora os comentários de Hayek e Robbins sobre as dificuldades de cálculo das [versões posteriores] fossem responsáveis por interpretações equivocadas de seus argumentos, na realidade suas principais contribuições eram plenamente compatíveis com o desafio de Mises”.¹⁸ Do mesmo modo, Israel Kirzner afirma que as posições de Hayek e Mises devem ser consideradas em conjunto como uma tentativa inicial para elaborar uma visão austríaca de “descoberta empreendedora” do processo de mercado.¹⁹

Além disso, há a insistência de Mises de que a teoria econômica (ao contrário da história) é uma prática meramente dedutiva, inteiramente *a priori*, que não exige nenhuma confirmação empírica das suas proposições. É claro que Hayek se sentia desconfortável com essa opinião, afirmando às vezes que a posição de Mises era na verdade mais moderada, e outras vezes simplesmente se distanciando de seu mentor. A literatura de fonte secundária contém alguma discussão sobre se “Economics and Knowledge”, ensaio seminal de Hayek de 1937, representa ou não uma ruptura decisiva com Mises em favor de uma abordagem popperiana “falsificacionista”, que sustenta que a evidência empírica pode ser usada para falsificar uma teoria (mas não para “confirmá-la” por indução).²⁰ Esse ensaio afirmava que, embora a análise econômica da ação *individual* possa ser estritamente *a priori*, o estudo da troca multipessoal requer suposições sobre o processo de aprendizagem e a transmissão do conhecimento, eles mesmos questões empíricas. O próprio Hayek informa que, desde 1937, “contra [‘o apriorismo extremo’ de Mises] o presente autor, então bastante inconsciente de que estava simplesmente desenvolvendo parte um tanto ignorada da tradição mengeriana, sustentou que, embora fosse verdade que a lógica da escolha pura, pela qual a teoria austríaca

interpretava a ação individual, fosse, de fato, puramente dedutiva, assim que a explicação se moveu para as atividades interpessoais de mercado os processos cruciais eram aqueles pelos quais a informação era transmitida entre indivíduos, e desse modo eram puramente empíricos (Mises nunca rejeitou explicitamente essa crítica, mas não estava mais disposto a reconstruir o seu sistema plenamente desenvolvido àquela altura)". Também é verdade que Hayek leu Popper pela primeira vez no início da década de 1930, e que, em 1941, no mínimo estava mostrando sinais abertos (mas sutis) de afastamento da posição de Mises.²¹ A influência de Popper começa a aparecer quando os interesses de Hayek se movem da teoria do valor para a teoria do conhecimento; sugeriu-se que a crítica de Hayek a respeito do planejamento central depende, em parte, da noção popperiana das consequências imprevisíveis de uma teoria: o planejamento fracassa porque não podemos saber previamente todas as implicações do conhecimento que já temos.²²

Também devemos assinalar que a ênfase posterior de Hayek na evolução e na ordem espontânea não é compartilhada por Mises, embora haja elementos dessa linha de pensamento em Menger. Um indício relativo a essa diferença está na afirmação de Hayek de que "o próprio Mises era ainda muito mais um filho da tradição racionalista do Iluminismo e da Europa continental, em vez do liberalismo inglês ... do que eu mesmo".²³ Essa é uma referência aos "dois tipos de liberalismo" aos quais Hayek frequentemente alude: a tradição racionalista ou utilitária europeia continental, que enfatiza a razão e a capacidade do homem de moldar seu ambiente, e a tradição do direito comum [*common law*], que enfatiza os limites em relação à razão e às forças espontâneas da evolução. Como Hayek escreve em 1978, cinco anos após a morte de Mises:

Uma das minhas divergências tem a ver com a afirmação de Mises sobre filosofia básica, a respeito da qual sempre me senti um pouco desconfortável. Mas somente agora consigo articular o motivo pelo qual me sinto incomodado. Mises afirma nesse trecho que o liberalismo "encara toda cooperação social como uma emanção da utilidade racionalmente reconhecida, em que todo o poder se baseia na opinião pública, e não pode empreender nenhuma linha de ação que impeça a decisão livre dos homens que pensam".

É só a primeira parte dessa afirmação que eu agora penso que está errada. O racionalismo extremo desse trecho, do qual, como filho de seu tempo, Mises não podia escapar, e que talvez nunca tenha abandonado completamente, agora me parece factualmente equivocado. Com certeza, não era o *insight* racional dos seus benefícios gerais que levava à expansão da economia de mercado. Parece-me que o propósito do ensinamento de Mises é mostrar que *não* adotamos a liberdade porque compreendemos que benefícios traria: que *não* projetamos, e certamente não fomos bastante inteligentes para projetar, a ordem que agora aprendemos parcialmente a compreender. (...) O homem a *escolheu* apenas no sentido de que aprendeu a preferir algo que já funcionava, e por meio de maior compreensão foi capaz de melhorar as condições do seu funcionamento.

Hayek teme que o “racionalismo extremo” da visão europeia continental leve àquilo que ele chama de “erro do construtivismo” — a ideia de que nenhuma instituição social pode ser benéfica a menos que seja resultado do projeto deliberado do homem. Isso, ele acha, está por trás da visão socialista: como os mercados não são criados, um sistema artificial deliberadamente organizado é, por assim dizer, imposto de cima para baixo, devendo ser capaz de superar em desempenho qualquer sistema descentralizado e natural.²⁴

Como resultado, a escola austríaca moderna pode ter se dividido em campos opostos: os “misenianos estritos”, que são “racionalistas sociais” e praticam “apriorismo extremo”, e os “hayekianos”, que enfatizam a ordem espontânea e os limites à racionalidade. (Há também um terceiro grupo, os “subjetivistas radicais”, que seguem G. L. S. Shackle e Ludwig Lachmann e negam a possibilidade de *qualquer* ordem em assuntos econômicos.) Essas diferenças ainda não foram resolvidas, assim como a natureza do relacionamento de Hayek com Mises não é totalmente compreendida. Como tudo isso afeta a vitalidade progressiva da escola, convém acrescentar, ainda não se sabe.

O ano de 1871, quando Menger publicou *Grundsätze* e a Escola Austríaca nasceu, é significativo em outro aspecto: foi o ano da criação do Reich

alemão por Bismarck. Hayek ficou profundamente interessado no futuro da Alemanha depois da Segunda Guerra Mundial; as perspectivas do renascimento do liberalismo na cena internacional, ele acreditava, dependiam muito da reabilitação da comunidade intelectual alemã. Os ensaios da Parte II deste volume demonstram essa preocupação.

Hayek se convenceu da necessidade de uma organização acadêmica internacional de liberais, e, para esse fim, organizou o encontro de 1947 que se tornou a Sociedade Mont Pèlerin. Sua preocupação veio, em parte, do papel que a profissão de economista desempenhou na guerra. Pela primeira vez, economistas profissionais ocuparam em massa cargos nos departamentos de planejamento governamentais — para controlar preços, como no United States Office of Price Administration, encabeçado por Leon Henderson e depois por John Kenneth Galbraith; para estudar aprovisionamento militar (o que se tornou conhecido como “pesquisa operacional”) com o Grupo de Pesquisa Estatística da Universidade Columbia; ou para prestar diversos serviços de consultoria. Isso foi absolutamente inédito, e para os liberais, bastante alarmante. (Hayek, ainda que um britânico naturalizado, foi excluído dos esforços britânicos por sua origem austríaca.)

O clima intelectual desse período é captado pela reação dos economistas à decisão do ministro Ludwig Erhard de liberar preços e salários na recém-criada Alemanha Ocidental. Em 1948, Galbraith assegurou aos seus colegas que “nunca houve a menor possibilidade de se conseguir a recuperação da Alemanha pela revogação generalizada [dos controles e das regulações]”. Dois anos depois, Walter Heller, posteriormente chefe do Conselho de Assessores Econômicos de John F. Kennedy, acrescentou que “sem dúvida, o uso positivo de medidas fiscais e monetárias [que eu apoio] não está em sintonia com as políticas ortodoxas de livre mercado adotadas pelo atual governo da República Federal da Alemanha”.²⁵ E Hayek recorda o relato da época do próprio Erhard: “Ele mesmo [Erhard] me contou alegremente como, no próprio domingo em que o famoso decreto sobre a liberação de todos os preços, juntamente com a introdução do novo marco alemão, estava para ser divulgado, o general Clay, principal comandante militar norte-americano, ligou para ele e lhe disse no telefone: ‘Professor Erhard, meus assessores me dizem que o senhor está cometendo um

grande erro’, ao que, de acordo com seu próprio relato, Erhard respondeu: ‘Os meus assessores também me dizem isso’”.²⁶

Contra tudo isso, Hayek reuniu para o primeiro encontro em Mont Pèlerin um grupo notável de liberais, em sua maioria pessoas que trabalhavam previamente em isolamento. O grupo incluía estudiosos internacionalmente conhecidos de Economia, História, Ciências Políticas e Filosofia (desde então, quatro dos economistas receberam prêmios Nobel); dois dos participantes, Walter Eucken e Wilhelm Röpke, estavam entre os principais arquitetos da milagrosa recuperação do pós-guerra da República Federal da Alemanha. O propósito de Hayek era incentivar o florescimento dos estudos liberais, na esperança de que a opinião pública acompanharia. “Pois é um problema real”, ele observa, “que muitos mantêm a ilusão de que a liberdade pode ser imposta de cima, e não pela criação de precondições pelas quais as pessoas têm a possibilidade de moldar o seu próprio destino”.

Os efeitos das iniciativas de Hayek são profundos e duradouros: não só a própria Sociedade continuou a existir, mas organizações mais novas com propósitos semelhantes foram criadas, sobretudo desde o renascimento da Escola Austríaca. Entre essas, incluem-se o Institute of Economic Affairs, em Londres; o Institute for Humane Studies, na Universidade George Mason, em Fairfax, na Virgínia; o Cato Institute, em Washington, D. C.; e o Ludwig von Mises Institute, na Universidade de Auburn, no Alabama. Todos esses grupos contribuíram decisivamente para o renascimento do pensamento liberal nos Estados Unidos e na Europa.

Como exemplo desse renascimento liberal, não precisamos olhar além da absorção, em 1989, do que era anteriormente a Alemanha Oriental pela Alemanha Ocidental; isso representa uma “redescoberta da liberdade” no leste alemão, quarenta anos depois que os esforços de Hayek ajudaram a estabelecer o mesmo na parte ocidental. E embora seja presunçoso dizer que Hayek foi visionário, os Capítulos 8, 10 e 11 desta obra contêm diversos *insights* sobre a natureza da nação e do povo alemão que são relevantes para os acontecimentos ali de hoje.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.
FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JANEIRO DE 2021